Introdução

I. JEREMIAS ENTRE OS PROFETAS

Não é truísmo vazio dizer que Jeremias foi um dos profetas de Iavé em Israel, dos quais houve um grande número. Os livros canônicos do Antigo Testamento preservam a memória de apenas um pequeno número de profetas. Mas as referências bíblicas aos profetas são persistentes ao longo de muitos séculos.

A primeira imagem clara de profecia em Israel, deixando de lado Moisés, vem da era de Saul, cerca de quatrocentos anos antes de Jeremias. Naqueles anos, havia grupos de profetas que viajavam transmitindo oráculos à pedido daqueles que os procuravam (1Sm 10.5-13).[1] O comportamento desses profetas parece ter sido incomum, pois dançavam com acompanhamento de música. O próprio Saul foi dominado pelo Espírito e começou a "profetiz[ar]" no meio deles (1Sm 19.18-24). Foi uma manifestação de êxtase incomum e, em tempos posteriores, praticamente desconhecida. Talvez esses fossem homens incitados a fim de conclamar a nação a combater na guerra santa de Iavé contra seus inimigos.[2]

---

[1] Veja Simon John DeVries, *Prophet Against Prophet* (Grand Rapids, 1978), p. 54, 57, 149. Esse volume fornece percepções úteis de certos aspectos do movimento profético, mas notavelmente o conflito surgido muitas vezes entre um profeta e seus companheiros profetas.

[2] Não propomos tentar um estudo de possíveis precursores da profecia israelita fora de Israel; na verdade, é totalmente possível que o fenômeno em Israel seja bastante local. O espírito humano é capaz de ser exortado por uma grande variedade de influências. Na área da religião parece que sempre que os homens alcançam uma deidade, eles oram, oferecem alguma forma de sacrifício e sentem a presença divina. Eles têm seus cultos oficiais para administrar os rituais cultuais e falar no nome da deidade. Às vezes, também há manifestações extáticas (isso

O próprio Samuel é descrito como um "homem de Deus" (1Sm 9.6-10) e um "vidente" (*rō'eh,* 1Sm 9.9). No mesmo período geral, encontramos um "homem de Deus" que veio a Eli com uma mensagem de Iavé (1Sm 2.27). Na época de Davi, fica claro que um profeta como Natã pôde alcançar alguma proeminência e se envolver nos assuntos da nação. O oráculo de Natã para Davi (2Sm 7) prometendo-lhe apoio divino e o estabelecimento de seus descendentes no trono de Israel era importante para todo o futuro de Israel. Natã também repreendeu o rei no assunto de Bate-Seba (2Sm 12) e tomou parte na unção de Salomão (1Rs 1.38-39). Seu contemporâneo, Gade, também transmitiu um oráculo de Iavé para Davi (2Sm 24.10-19). Nos dias de Jeroboão I (c. 922-901 a.C.), Aías, de Siló, falou da posição futura de Jeroboão como governante da parte norte do Estado israelita, um encorajamento à rebeldia (1Rs 11.29-39). Um "homem de Deus" cujo nome não é mencionado também transmitiu uma palavra de Iavé para Jeroboão (1Rs 13), enquanto em Judá, Semaías, um "homem de Deus", proibiu Roboão de lutar com Jeroboão (1Rs 12.22). Elias e Eliseu, no século IX, continuaram a tradição. Elias — em uma época em que Jezabel, a rainha, tentava matar os profetas de Iavé (1Rs 18.3,4,13) —, apareceu como o mensageiro de Iavé para desafiar os sacerdotes de Baal (1Rs 18). Nessa época, o profeta Micaías ben Imlah[3] permaneceu na corte de Acabe e profetizou desastre em contraste contundente com todos os outros profetas que profetizaram a vitória de Acabe (1Rs 22.5-28). Eliseu,

---

continua até hoje em um ambiente cristão). É possível apontar uma variedade de fenômenos fora de Israel nos quais fica evidente que a profecia de algum tipo era praticada, por exemplo, os profetas de Baal e Aserá (1Rs 18.19; 2Rs 10.19); profecias acadianas (veja *ANET*[3], p. 604-607); "profecia" no Egito (SVT 9 [1963], p. 47-65); o incidente de Unamón (*ANET*, p. 25-29); a Estela de Zakir (*ANET*, p. 665s.); e, em particular, a profecia em Mari (H. B. Huffmon, "Prophecy in the Mari Letters", *BA* 31/4 [1968], p. 101-124; W. L. Moran, "New Evidence from Mari on the History of Prophecy", *Bíblica* 50 [1969], p. 15-56). Mas parece ser uma questão bem em aberto se todos esses dados nos dizem mais que aqueles em outras religiões e também como os homens iavistas tentaram descobrir e proclamar a mente das deidades. Estamos com certeza seguros em afirmar que em Israel alguns homens devotos estavam abertos ao chamado de Iavé, o Deus de Israel, e eram corajosos o suficiente para declarar mensagens muitas vezes não palatáveis. Para uma discussão recente e sucinta, veja Georg Fohrer, *History of Israelite Religion* (1968, E.T., 1972).

[3] Veja S. J. DeVries, *Prophet Against Prophet*. O livro todo é um desenvolvimento do conflito entre Micaías e os profetas de sua época. Veja o índice (p. 160) para muitas referências.

protegido e sucessor de Elias, foi um nacionalista firme na época em que Israel ficou sitiada por constantes confrontos de fronteira com os arameus (2Rs 6.8-23; 13.14-19). Tanto Eliseu quanto Elias foram os líderes de grupos de profetas (*bᵉnê hannᵉbîʾîm,* 2Rs 2.1-5; 9.1).

Todas essas referências são para "profetas" ou "homens de Deus" que trazem uma palavra de Iavé para o povo de sua época, com frequência para homens importantes, como reis. Parece evidente que houve inúmeros profetas não mencionados pelo nome, bem como grandes grupos de profetas que constituíam um corpo de apoiadores da religião de caráter iavista. Essa característica não era única; Baal também era servido pelos grupos de profetas (1Rs 18.19). Mas os profetas de Iavé eram bem especificamente os porta-vozes de Iavé para seu povo.[4] A questão de se tinham alguma conexão com o culto oficial em Israel não precisa tomar nosso tempo aqui, a não ser para dizer que alguns, como Ezequiel, eram sacerdotes, outros talvez tivessem função de intercessor ou de ensino no culto oficial, mas muitos deles, como Amós, eram agentes independentes. Presumivelmente, todos eles consideravam seu trabalho uma vocação divina e acreditavam que ter sido chamados para isso, quer por intermédio de alguma experiência religiosa quer como uma consequência do contexto familiar. Os profetas pré-canônicos mencionados acima falaram para o povo em termos de salvação e julgamento. Uma característica relevante a respeito desses primeiros profetas era o fato de estabelecerem o princípio que fazia parte do chamado profético, ou seja, criticar o rei e suas políticas à luz das antigas crenças tradicionais e tentar corrigi-los, se necessário, por meio da ação política. Natã repreendeu Davi (2Sm 12.1-14). Também Gade (2Sm 24). Aías ficou horrorizado com as práticas tirânicas e a negligência religiosa de Salomão e anunciou a Jeroboão a destruição de seu reino (1Rs 11.26-40). Elias desafiou Acabe vez após outra, e Eliseu e seus associados foram implicados na revolução de Jeú (2Rs 9—10). Em contrapartida, alguns dos profetas entregaram sua independência e falavam ao rei apenas o que agradava a ele (p. ex., 1Rs 22.5-6). Como um resultado disso, acontecia às vezes de um profeta falar contra outro profeta, como no caso

[4] A etimologia do substantivo *nāḫiʾ*, "profeta", e do verbo **ḥiṯnabbēʾ*, "profetizar", não é certa. Muitos argumentam em favor de uma conexão com o acadiano *Nabû*, "chamar, anunciar" e consideram o substantivo como ativo, "chamador, anunciador", ou passivo, "aquele que é chamado", tendo a mesma estrutura de vários substantivos hebraicos, p. ex., *pāqiḏ*. Veja W. F. Albright, *From the Stone Age to Christianity* (New York, 21957), p. 305; A. R. Johnson, *The Cultic Prophet in Ancient Israel* (Cardiff, 1944), p. 24, n. 6-8.

de Jeremias (cap. 28). Poderia parecer que as ordens proféticas, com muita frequência, declinavam de sua função original e deixavam para os indivíduos declararem a palavra de Iavé. Isso não era menos verdade nos tempos dos profetas pré-canônicos que nos tempos dos profetas canônicos.

Por volta de meados do século VIII a.C., aproximadamente um século antes de Jeremias iniciar seu ministério, o movimento profético de Israel entrou em uma nova fase. Daí em diante, os profetas ministraram para Israel, mas suas palavras eram registradas, pelo menos em parte, com meticulosidade e cuidado. No primeiro grupo de profetas "clássicos" estavam Amós e Oseias, cujos ministérios foi em grande parte no norte de Israel. Estes foram seguidos depois de um curto espaço de tempo por Isaías e Miqueias, que pregaram principalmente para Judá. Nenhum deles poderia ser classificado como representante das ordens proféticas que funcionaram até a chegada deles. Amós, claramente, considerava-se um profeta embora não se identificasse com nenhum grupo de profetas (Am 7.14-15).[5] Contudo, Amós e seus contemporâneos, em um sentido real, continuaram a tradição antiga. Eles não eram extáticos, mas às vezes realizavam atos simbólicos. Isaías reuniu discípulos (p. ex., Is 8.16), mas pregava de forma independente. Eles pregavam em santuários: Amós em Betel; Isaías em Jerusalém. Talvez eles usassem às vezes o vocabulário do ritual religioso, mas não falavam oficialmente em nome desse ritual. Eles repreendiam reis, como o fizeram Natã e Elias, por seus crimes contra o povo. Atacavam a adoração de outros deuses que não Iavé, como fez Elias, e, como ele, deploravam os rituais vazios de sentido. É claro que tanto Amós quanto Oseias mantiveram a tradição de que Israel se tornou o povo de Iavé por meio da eleição divina no êxodo e se referiam às vezes ao período no deserto (Am 2.9-10; 9.7; Os 11.1; 12.9; 13.4; cf. Os 7.16; 8.13; 9.3,10; 11.5). Oseias e Amós, porém, entendiam sua própria missão à luz dos privilégios e responsabilidades particulares de Israel, o povo a quem pregavam. Evidentemente, não havia necessidade de ensinar esses fatos ao povo como se nunca tivessem ouvido falar deles. E quando os profetas castigavam o povo por causa de sua deslealdade e negligência para com as obrigações que tinham por causa de sua posição privilegiada, eles não pregavam no vazio. Antes, o povo era lembrado do que sabia ou deveria saber.

Isaías e Miqueias enfatizaram outro aspecto da eleição, a escolha divina de Davi e sua dinastia para governar o povo eleito de Iavé e a escolha relacionada do monte Sião como o lugar em que a arca da aliança repousaria, o

---

[5] Veja R. E. Clements, *Prophecy and Covenant* (1965), p. 36ss.

lugar onde devia ser encontrada a habitação de Iavé. Amós tinha consciência dessas tradições (Am 1.2; 9.11-12).[6] Isaías, no entanto, refere-se bastante a elas. A presença de Iavé em Jerusalém era a esperança para o futuro de Israel e das nações (Is 2.2-4). Ele lutaria por Israel no monte Sião (Is 14.32; 17.12-14; 28.14-18; 29.5-8). Isaías, ao mesmo tempo, pregava julgamento contra Judá (Is 1.21-26) e contra Jerusalém (Is 29.1-4), tema adotado por Miqueias (Mq 3.9-12). O uso dessas tradições pelos profetas do século VIII com a ênfase dada por eles ao êxodo e à aliança entre Iavé e a casa de Davi aponta para as antigas tradições que herdaram. Havia, de fato, uma dupla tradição de uma aliança, a aliança do Sinai que trouxe Israel a sua posição privilegiada e deixou uma pesada incumbência sobre essa nação, e a aliança de Iavé com a casa de Davi (2Sm 7).[7] Embora o termo "aliança" seja raramente usado, não há como escapar da sua realidade, com sua ênfase na graça divina que originou a aliança e o privilégio e as obrigações colocadas sobre aqueles que se consideram membros da família da aliança. As duas alianças têm relação. Na era de Davi, a tradição mais antiga da aliança do Sinai foi estendida para fornecer autorização divina para o novo Estado com suas reivindicações territorial e política. A dupla eleição da casa davídica para governar sobre Israel e do monte Sinai para ser o local de habitação de Iavé não pretendia ofuscar a aliança do Sinai. Na verdade, a presença da arca da aliança em Jerusalém era um lembrete permanente das obrigações de Israel em reconhecer o senhorio de Iavé e obedecer a sua lei da aliança. Havia intranquilidade em relação à aliança entre Iavé e Davi, e também quanto as declarações únicas de Jerusalém entre as tribos do norte, porque a doutrina parecia obscurecer a aliança sinaítica. Em Judá, as duas alianças existiram lado a lado e isso acontecia desde a época de Davi. Mas a dupla tradição foi a causa de grande parte da tensão ao longo dos séculos, e parte da tarefa profética era lembrar o povo da primazia da aliança do Sinai.[8]

Há outro aspecto da doutrina da aliança que se agiganta nos profetas do século VIII, a saber, as obrigações impostas sobre a nação e sobre os

---

[6] As duas passagens são consideradas, pelo menos por alguns escritores, como expansões editoriais, mas 9.11-12, pelo menos, pode ser considerada autêntica. Veja R. E. Clements, *Prophecy and Covenant,* p. 49, n. 1.

[7] A questão de se é possível encontrar um paralelo secular da aliança nos tratados do Oriente Próximo da Antiguidade é discutido mais nas páginas 72-80.

[8] Para um resumo sucinto dos principais pontos em questão e bibliografia, veja R. E. Clements, *Prophecy and Covenant,* p. 45-68. Veja também John Bright, *Covenant and Promise* (Philadelphia, 1976).

indivíduos na nação. Estas são expressas na lei básica da aliança. Por trás desses profetas temos com certeza de reconhecer a existência de uma tradição bem desenvolvida da lei que abraça todas as áreas da vida israelita. Havia afirmações éticas sobre Israel do tipo mais forte. Quando a lei não era levada a sério e era abertamente desconsiderada, Israel se colocava sob o julgamento dessa lei. A falha em cumprir as exigências da lei da aliança resultaria no julgamento divino caindo sobre os ofensores. A lei, em vez de ser um guia para o bem-estar e alegria nacionais, passou a ser uma maldição e uma ameaça para a existência nacional.

A maior ofensa de todas era a rejeição do próprio Iavé como o Senhor soberano de Israel. Não poderia haver aliança compartilhada entre Iavé e qualquer outro deus. O clamor de Elias foi: "Se o SENHOR é Deus, sigam-no" (1Rs 18.21). O espírito do clamor, se não das palavras exatas, é encontrado vez após vez nos profetas de Israel. Adorar qualquer outro deus era violar a aliança de Iavé e se colocar exposto à ira de Iavé. Todos os profetas do século VIII advertiram sobre o julgamento por vir, não em algum futuro distante, mas no contexto dos eventos históricos. Ao mesmo tempo, eles olhavam para além do julgamento, para um futuro melhor.

Foi contra o pano de fundo de uma longa tradição profética que Jeremias foi chamado a pregar. Ele, como seus predecessores, tinha um profundo senso de vocação divina, de ser chamado mesmo antes de ter nascido. Ele sentiu a mão divina sobre sua vida e sabia que a palavra divina fora colocada em sua boca. Quando falava, ele podia dizer: "É isso que Iavé disse" ou até mesmo falar no nome de Iavé usando a primeira pessoa do singular. Jeremias, como seus contemporâneos e predecessores, usou as grandes tradições do passado, como a eleição de Israel no período do êxodo (2.2-8; 7.21-22; 16.14-15; 23.7-8; 31.31-34) e a aliança de Iavé com a casa de Davi (23.5-6; cf. 22.30). Ele estava profundamente consciente das exigências da aliança e dos perigos presentes na violação da lei da aliança. Para ele, não havia nenhum Deus além de Iavé. Qualquer tipo de sincretismo era intolerável e carregado de grande perigo, o perigo do julgamento divino. Ele rejeitava toda atitude irrefletida, toda pessoa frívola e devassa que não levava a lei divina em consideração, toda tônica falsa e imoral em um culto ou templo (7.1-15; 25.1-29). Ele pegou muito do simbolismo de Oseias. Jeremias, como Oseias,[9] descreve a relação entre Iavé e Israel como um relacionamento matrimonial (2.2; 3.6-14) e chama Israel de

[9] Para a relação especial entre Jeremias e Oseias, veja IV.G abaixo, "A dívida de Jeremias para com Oseias", p. 94-99.

filhos de Iavé (3.19,22; 4.22). Ele, como Oseias, traçou esse relacionamento de volta ao êxodo e à libertação do Egito (2.6). Como Oseias, limitou o período de relação serena entre Israel e Iavé nos dias de Moisés e o período no deserto (7.22). Foi na terra que começou a apostasia (2.7), e Jeremias descreveu essa apostasia em termos naturais, em vez de em termos históricos (2.2-3,7-8; 3.19-20; 8.4-7). Ele, como seus predecessores, viu que a única possibilidade de escapar do desastre iminente estava no arrependimento e na volta para Iavé (por exemplo, 3.6-13; 3.21—4.2; 4.3-4; 23.3-7).

Há muito mais que precisa ser dito sobre Jeremias, e isso ficará aparente no comentário. Ele foi um representante importante de um dos grupos mais notáveis de homens em toda a história, os profetas de Israel, cujas palavras ecoaram ao longo dos séculos. As palavras deles, embora dirigidas a situações específicas no passado da Antiguidade, ainda nutrem a fé de muitos e trazem instrução, coragem e inspiração para uma vida melhor. De algum modo as palavras específicas de Jeremias, dirigidas a situações particulares no fim do século VII e início do século VI a.C., estão vivas como diretrizes para os cristãos de todas as épocas. É um esforço inútil tentar defender a proposição de que Jeremias proferiu uma palavra verdadeira proveniente de Deus. Para Jeremias, não havia dúvida de que esse era o caso. Para entendê-lo, temos de tomar uma posição ao lado dele e ler suas proclamações com empatia e solidariedade.

II. JEREMIAS EM SEU AMBIENTE HISTÓRICO

Os profetas não eram apenas mestres ou filósofos religiosos no abstrato, mas se viam como mensageiros de Deus comissionados a transmitir ao povo de sua época a palavra enviada a eles por Deus. Eles tinham uma mensagem singular para um povo particular em um ponto específico na história. Era uma mensagem que interpretaria os eventos pelos quais seu povo estava passando, ou passaria, à luz das exigências e promessas feitas por Deus para seu povo. Claramente, essa dimensão do ministério de um profeta não pode ser entendida a menos que o contexto histórico da época dele seja conhecido.

O livro de Jeremias faz contato, em muitos pontos, com eventos históricos. Em muitos casos, as datas precisas e eventos conhecidos são mencionados. Era responsabilidade de Jeremias proclamar uma mensagem sobre as nações e reinos "para arrancar, despedaçar, arruinar e destruir; para edificar e plantar" (1.10). Foi uma época de crise. Quando Jeremias começou a pregar, o Império Assírio estava em decadência. Com o colapso da Assíria, o Egito